

PLANIFICAÇÃO E SOCIALISMO NA RÚSSIA SOVIÉTICA: OS PRIMEIROS DEZ ANOS

Luiz Bernardo Pericás¹

RESUMO: A propósito dos 100 anos da revolução Russa, este artigo discute os primeiros dez anos da Rússia Soviética e a necessidade de um controle centralizado e unificado dos meios de produção depois da Revolução de Outubro. Foi necessária uma década para o amadurecimento de experiências com o planejamento, mesmo que parcial, para que este ganhasse uma base teórica e metodológica suficientemente consolidada para a posterior planificação massiva da economia soviética.

Palavras-chave: Revolução de Outubro. Rússia Soviética. Socialismo.

Em seu discurso de aceitação do Prêmio Nobel de Economia em 1975, Leonid Kantorovich lembrou que a partir da revolução de Outubro surgiu a necessidade de um controle centralizado e unificado dos meios de produção, assim como o desenvolvimento de mecanismos de fiscalização e estruturas organizacionais dentro da nova realidade em que o país se encontrava. Ele apontou para abordagens pioneiras nos primeiros anos de consolidação do Estado soviético, como a constituição dos modelos de demanda elaborados por Evgeny Slutsky e Aleksandr Konjus, o de crescimento proposto por Grigorii Alexandrovich Feldman, a análise de balanços realizado pelo Departamento Central de Estatística e a tentativa de L. Jushkov de determinar a taxa de eficiência de investimento, que mais tarde influenciaria as pesquisas e estudos de colegas como Viktor Valentinovich Novozhilov (em parte, inspirados em princípios marginalistas), entre outros acadêmicos. Ainda assim, o coautor de *Mathematischeskoe optimal'noe programmivovanie v ekonomike* e *Optimal'nye resheniia v ekonomike* (ambos em

¹ Professor do Departamento de História Econômica e do Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo.

parceria com A. V. Gortsko) daria maior ênfase em sua exposição ao enfoque na otimização surgido principalmente na década de 1930, o que teria permitido uma sistematização eficiente de um vasto material informacional e a análise detalhada do mesmo para a ulterior decisão dos órgãos competentes.²

Não custa recordar, contudo, que quando ingressou no Departamento de Matemática, da Universidade de Leningrado, em 1926, ele estaria exposto a aulas ministradas por personalidades como V. I. Smirnov, G. M. Fichtengolz e B. N. Delaunay, assim como teria como colegas, I. P. Natanson, S. G. Michlin e Sergei Lvovich Sobolev, só para citar os mais proeminentes. Também conheceria, no período, matemáticos renomados do calibre de P. S. Alexandrov e A. N. Kolmogorov. Além desses intelectuais, entretanto, é importante apontar a atuação de destaque na gestão econômica soviética de personagens emblemáticos (e com papel político de maior relevo) como Stanislav Gustavovich Strumilin, N.A. Kovalevsky, Vasily Sergeevich Nemchinov e os já mencionados Feldman e Novozhilov. Não é demais lembrar que Feldman introduziria, em 1928 (ano em que se iniciou o primeiro plano quinquenal), modelos de crescimento bissetoriais para analisar seu impacto na estrutura econômica, enquanto que dois anos antes, Nemchinov escreveria seu “Sobre o estudo estatístico da estratificação da classe rural”.

O fato é que foi necessária uma década para o amadurecimento de experiências com o planejamento, mesmo que parcial, para que este ganhasse uma base teórica e metodológica suficientemente consolidada para a posterior planificação massiva da economia soviética (algo que ocorreria, inicialmente, a partir de métodos em boa medida, indiretos). Planos parciais, assim, já estavam em andamento em 1918, como por exemplo, aqueles relativos à fundição de aço, produção de máquinas agrícolas, extração de hulha, armazenamento de cereais e construção básica em distintos ramos da economia (boa parte do setor produtivo do país começou a ser nacionalizado a partir de maio daquele ano).³ Assim como a criação de 117 novas instituições

² Ver Leonid Vitaliyevich Kantorovich, “Mathematics in Economics: Achievements, Difficulties, Perspectives”, Nobel Prize Lecture, Estocolmo, 11 de dezembro de 1975, in http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/economic-sciences/laureates/1975/kantorovich-lecture.html. O Prêmio Nobel de Economia foi dividido com Tjalling Charles Koopmans naquele ano.

³ Primeiro foi a indústria do açúcar, em seguida a do petróleo, e depois, a criação de monopólios estatais no comércio exterior e na produção de mercadorias diversas. Do verão de 1918 em diante, o processo de nacionalização foi acelerado, a partir de um decreto de junho daquele ano, o que permitiu que os bolcheviques

científicas nos primeiros dois anos de existência do Estado soviético, como os Institutos de Platina e Metais Raros (dirigido por Nikolai Semenovitch Kurnakov), o Químico, Hidrológico e Ótico, o Físico-Tecnológico de Petrogrado, o de Radioscopia, o Instituto Central de Aerodinâmica (encabeçado por Nikolai Yegorovich Zhukovski) e o Radiolaboratório de Nizhny Novgorod, entre outros. No campo eletroenergético, nomes como L. B. Krassin e M. A. Shatelen se dedicaram a trabalhar em projetos como a instalação das estações de Kashira (próxima a Moscou), as estações distritais de Nizhny Novgorod e Ivanov-Voznesensk, prospecções geológicas no Cazaquistão e Urais do Sul, na bacia carbonífera moscovita e em Kursk. Ou seja, tratavam-se de experiências levadas a cabo justo a partir do ano seguinte ao triunfo da revolução de Outubro.

Foi também na mesma época que os mais importantes centros industriais da Rússia receberam maior atenção das autoridades em relação a planos de desenvolvimento metalúrgico, um projeto que se viu interrompido e modificado ao longo da guerra civil, quando prognósticos e alocação de recursos só podiam ser feitos a partir de “generalizações”, dentro das possibilidades financeiras e difíceis condições de coordenação das despesas estatais, que possuíam, na época, recursos limitados. A criação de uma base técnica e a acumulação econômica, portanto, eram premissas básicas para a edificação do socialismo.

O país encontrava-se, em 1920, numa situação bastante fragilizada em relação ao momento imediatamente anterior à Primeira Guerra Mundial. Vale recordar que naquele ano, em relação à indústria têxtil, apenas 6% de todos os fusos eram operacionais, em comparação com 1913, enquanto a indústria metalúrgica produzia menos de 5% e as minas de carvão de Donetz, 10%. O mesmo pode ser dito da produção de minério de ferro, que chegara, em 1918, a 12,3% dos níveis de 1913, enquanto que em 1920, descenderiam a 1,7%. Boa parte das ferrovias e 50% das locomotivas encontravam-se inoperantes em 1920. Além disso, ao longo da guerra civil, a força de trabalho do país iria diminuir pela metade (o absenteísmo chegaria a 30% nas fábricas).

A produção da indústria pesada foi sete vezes menor do que logo antes do início do conflito na Europa e a de ferro fundido atingiu, no ano de 1921, 116.300 toneladas, o equivalente

controlassem quase todos os ramos da vida nacional, especialmente as maiores instalações industriais. Ver Lionel Kochan. *The Making of Modern Russia*. Londres: Penguin Books, 1965, págs. 266 a 273.

a 3% de 1913. Combinado à baixa produtividade até aquele momento, os salários cobriam somente um quinto do custo de vida. Além disso, havia um nítido esgotamento dos estoques, falta de combustível e uma grande deterioração das ferrovias. No caso da agricultura, em 1921 as cabeças de gado eram menos de dois terços de seu total, as ovelhas 55%, os porcos 40% e os cavalos, 71% (se comparados a 1913), enquanto a área agricultável fora cortada pela metade, o que levou a uma significativa diminuição da colheita de culturas diversas. Isso para não falar de uma seca extrema na região do baixo Volga (assim como nas planícies dos Urais, Cáucaso, Crimeia e partes da Ucrânia), entre 1920 e 1921, que eliminou cinco milhões de pessoas (movimentos migratórios intensos, com várias cidades perdendo boa quantidade de mão de obra qualificada, também foi outro fenômeno daquele momento; só Petrogrado, o maior centro industrial, perderia 60% de sua população na época).

A crise econômica foi acompanhada de uma crise política sem precedentes. Os bolcheviques teriam de combater grupos de kulaks, mencheviques, socialistas revolucionários, makhnovistas, guardas brancos e tropas estrangeiras. A preocupação essencial da época havia sido salvaguardar a soberania e a autoridade do poder soviético e vencer a todo custo as forças internas e externas que tentavam destruir a experiência iniciada por Lênin e seus correligionários. As necessidades prementes impostas pela situação não iriam permitir que o governo inovasse ou impusesse caminhos distintos de desenvolvimento até então. Este íterim, que abarca os anos do conflito mundial, da guerra civil, do bloqueio estrangeiro, da fome, de epidemias, da tragédia climática e da reorganização econômica, resultou num déficit populacional expressivo.⁴

A necessidade de reorganizar a economia do país era uma tarefa urgente desde o triunfo revolucionário. A constituição do Vesenkha (*Vysshii Sovet Narodnogo Khozyaistva*, o Conselho Supremo da Economia Nacional), em 5 de dezembro de 1917, nesse sentido, seria um passo importante na implementação do ulterior processo de planificação do país. Dirigido inicialmente por Valerian Osinsky, contava com um conselho do qual integravam nomes como Nikolai Bukharin, Georgy Oppokov, Vasili Schmidt e Vladimir Pavlovich Milyutin. A partir de 1918

⁴ Para mais informações sobre os primeiros anos do governo soviético e a situação econômica e social do país, ver, por exemplo, N. Fedyukin. *A revolução de Outubro e os intelectuais*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978; E. H. Carr. *The Bolshevik Revolution, 1917-1923, Vol. 2*. Harmondsworth: Penguin Books, 1966; John Maynard. *The Russian Peasant and Other Studies*. Londres: Victor Gollancz Ltd. , 1942; R. N. Carew Hunt. *The Theory and Practice of Communism*. Harmondsworth: Penguin Books, 1964; Calvin Bryce Hoover. *The Economic Life of Soviet Russia*. Nova Iorque: The Macmillan Company, 1931; e Adam Ulam. *Lenin and the Bolsheviks*. Londres: Collins/Thew Fontana Library, 1969.

(quando se tornaria, de fato, o Commissariado do Povo para a Indústria) seria encabeçado Alexei Rykov até 1920; P. A. Bogdanov entre 1921 e 1923; novamente por Rykov daquele ano até 1924; e depois, por Félix Dzerzhinsky até 1926. Organismo subordinado ao Sovnarkom (*Sovet Narodnykh Komissarov*, Conselho dos Comissários do Povo), o Vesenkha deveria organizar e regulamentar os principais aspectos da economia nacional, assim como as finanças do Estado, com comitês centrais e agências gerais para administrar setores da indústria, além de conselhos provinciais e distritais. Seu papel seria fundamental tanto durante a guerra civil como ao longo da NEP (*Novaya Ekonomicheskaya Politika*, Nova Política Econômica) e mesmo no primeiro plano quinquenal. Foi o Vesenkha que instituiu, em outubro de 1921, o Banco de Estado da Rússia Soviética juntamente com uma resolução do Sovnarkom, naquele mesmo mês (já em novembro a instituição começaria suas atividades), tomando controle das funções do Banco do Povo (fundado em 1917 e dissolvido três anos depois). A partir de 1923, as atribuições do Gosbank (*Gossudarstvennyi Bank*), ligado organicamente ao Narkomfin (o Commissariado do Povo para as Finanças, que desde o ano anterior era dirigido por Grigory Sokolnikov), abarcariam o resto da União Soviética. Mais tarde, o Gosbank seria usado pelo Estado soviético de forma ampla para impor um controle e monitoramento mais centralizados da indústria.

Foi dentro desse ambiente que se elaborou o plano Goelro (*Gosudarstvennaya Komissiya po Elektrifikatsii Rossii* ou Comissão de Estado para a Eletrificação da Rússia) em fevereiro de 1920, a partir de deliberações do Presidium do Vesenkha,⁵ que naquele ano já empregava em torno de 14.800 especialistas (o *Bureau* de Registro Central das Forças Tecnológicas contava, por sua vez, com 50.275 funcionários ligados à economia vinculados a diferentes commissariados). Em outubro, o plano teve suas bases concluídas para ser submetido, em dezembro, ao VIII Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia, sendo aprovado. Como consequência, em 21 de

⁵ De acordo com Andrew Rothstein, em janeiro de 1920, G. M. Krzhizhanovsky escreveu um breve artigo sobre a questão da eletrificação da indústria russa como um caminho importante para o progresso nacional, e o enviou a Lênin, recebendo uma carta entusiástica do líder bolchevique, com data de 23 de janeiro de 1920, na qual dizia que o engenheiro deveria escrever dois ou três outros artigos com o mesmo caráter prático, que poderiam ser publicados mais tarde em forma de um panfleto. Em sua missiva, Lênin diria: “Não se poderia elaborar... um plano político ou de Estado, ou seja, que apresentasse um objetivo para a classe trabalhadora? Algo assim: em 10 (5?) anos, vamos construir 20 ou 30 (30 ou 50?) usinas de energia, para cobrir todo o país com centrais... movidas por turfa, água, xisto, carvão, óleo... Começaremos imediatamente comprando a maquinaria e os modelos necessários. Em 10 (20?) anos faremos com que a Rússia esteja ‘eletrificada’. Acho que você pode fornecer tal ‘plano’, ou um *esboço* de plano –repite, não técnico, mas de Estado... vamos começar a trabalhar e de 10 a 20 anos tornaremos a Rússia inteira, tanto no campo industrial como agrícola, um país *eletrificado*”. Ver Andrew Rothstein. *Man and Plan in Soviet Economy*. Londres: Frederick Muller Ltd. , 1948, págs. 96 e 97.

fevereiro de 1921, o próprio Lênin publicaria o artigo “Um plano econômico integrado”, no qual descreveria o Goelro como “um intento de primeira classe”, exaltando inequivocamente suas qualidades.⁶ No dia seguinte, um decreto do Sovnarkom estabeleceria a Gosplan (*Gosudarstvennaya Planovaya Komissiya*, Comissão de Planificação Estatal), adstrita ao Conselho de Trabalho e Defesa (STO, *Sovet Truda i Oborony*), inicialmente com a função de órgão consultivo e de coordenação (preocupado essencialmente em trabalhar e reconciliar esquemas diretivos e dados de controle), com apenas 34 técnicos em seu quadro de funcionários⁷ (também estariam vinculados ao STO o Narkomfin e o Narkomput, os comissariados do povo para as finanças e para as comunicações). Em março, levantamentos de excedentes *in natura* seriam suprimidos e cambiados por impostos *in natura*. A liberdade de comércio interno seria restabelecida no mesmo mês (o camponês poderia, neste caso, vender seu excedente após pagar o devido tributo; a partir de maio, os pequenos artesãos também receberiam a autorização para vender sua produção). Em julho, ocorrem desnacionalizações em empresas industriais com menos de vinte trabalhadores (seria possível igualmente o arrendamento de fábricas por sociedades nacionais e estrangeiras, assim como por indivíduos). Para completar, em dezembro de 1921, o Goelro (considerado por Andrew Rothstein como “o núcleo de toda a maquinaria de planificação” da União Soviética)⁸ iria ganhar força de lei de Estado de edificação econômica, com uma vigência de dez a quinze anos.

O organismo seria dirigido pelo engenheiro elétrico Gleb Krzhizhanovsky (que também encabeçaria a Gosplan), com a colaboração de Ivan Alexandrov, Mikhail Shatelen, Genrikh Graftio, Y. Y. Shulgine, A. A. Gorev, K. A. Krug e mais duas centenas de especialistas. Seu objetivo determinava as tarefas fundamentais para o avanço industrial e do setor de transportes, com um incremento significativo na eletrificação do país, que deveria fornecer as condições básicas para elevar o nível de vida do povo russo. Além disso, tinha como objetivo ser a hipótese de trabalho que preservaria a Gosplan de possíveis equívocos de função ou desvios, para garantir que não fosse comprometido o interesse maior em nome da realização de tarefas transitórias ou circunstanciais.

⁶ Ver Vincent Barnett. *The Revolutionary Russian Economy, 1890-1940: Ideas, Debates and Alternatives*. Londres: Routledge, 2004, pág. 95.

⁷ Ver, por exemplo, Jozef Wilczynski. *An Encyclopedic Dictionary of Marxism, Socialism and Communism*. Londres: The Macmillan Press, 1981, pág. 216.

⁸ Ver Andrew Rothstein. *Man and Plan in Soviet Economy*. Londres: Frederick Muller Ltd., 1948, pág. 97.

Ainda que o plano Goelro tenha sido traçado nas condições do “comunismo de guerra” não seria anulado durante o período da NEP. Neste caso, incluíam-se uma quantidade significativa de variáveis administrativas e de planejamento, que envolviam o volume da produção industrial, as relações de balanço dos ramos e regiões a partir de uma avaliação em perspectiva macroeconômica e um intrincado sistema de índices (entre os quais, a relação da eletrificação com o plano nacional único; desta com o abastecimento de combustíveis e com a energia hidráulica; e seu efeito na agricultura, nos transportes e nas indústrias). A produção de aço, ferro-gusa, minério de ferro, alumínio, cobre, hulha, tijolos, cimento e petróleo estava entre as prioridades daquele momento, ainda que direcionamentos para o crescimento da produção de tecidos de lã e algodão, amido de batata, melações e açúcar também recebesse um foco respeitável das autoridades.

Já a Gosplan (que nunca obteve o status de comissariado do povo, como outras agências soviéticas), iria crescer ao longo do tempo. Se no ano de fundação tinha pouco mais de três dezenas de funcionários, em 1927 já possuía em torno de 500 técnicos, com seções para a indústria (conhecida como *Promseksiya*, a mais elaborada em termos de organização, com diferentes divisões internas), transporte, agricultura e orçamento, além de um conselho de *Konjunktur* análogo ao instituto de mesmo caráter do Narkomfin (neste caso, para fornecer informação econômica “independente” de outras agências governamentais; a comissão nunca obteve poderes executivos). Vale dizer que especialistas que não eram membros do partido, como Groman, Bazarov, Kalinnikov, Gartvan e Taube, desempenharam papel importante naquele órgão em seus primeiros anos. No final da década de 1920, o PCTU, acreditando ser fundamental a maior participação de seus filiados na Gosplan (que, deve-se mencionar, não tinha o monopólio da planificação nem o controle completo de todas as atividades de planejamento no país), ampliou para cem o número de seus integrantes dentro daquela comissão.

De caráter estratégico para o prosseguimento do desenvolvimento da produção industrial era a construção e ampliação de um sistema regional de trinta usinas, entre as quais, dez hidrelétricas, em grande medida, a partir da iniciativa do já citado engenheiro Graftio, responsável pelas estações do Volkhov (completada em 1927) e do Baixo Svir, em Svirstroy. Ele dirigiria com bastante empenho a política de transportes e eletrificação no Cáucaso. De acordo com os prognósticos iniciais, além da unificação das centrais numa rede única (com a ideia de expandir o sistema para vilarejos distantes e empresas variadas, abarcando um território

bastante dilatado, especialmente da parte europeia da Rússia), a potência geral de todas as usinas regionais, em conjunto, deveria chegar a aproximadamente 1.750.000 quilowatts.

De fato, investimentos em infraestrutura eram considerados fundamentais. A construção de Dnieprostroi tinha como objetivo melhorar a navegação, gerar energia elétrica e melhorar a qualidade das terras vicinais. A hidrelétrica deveria ter uma capacidade de geração de 230 megawatts, fornecendo energia para as indústrias existentes e as novas que seriam construídas na região, com capacidade projetada de produção energética de aproximadamente 1,2 bilhão de quilowatts-hora (o custo da construção, até 1926, foi avaliado em 200 milhões de rublos). O projeto Svir-Neva, por sua vez, resultaria em usinas que complementariam as necessidades elétricas de Leningrado, além de também melhorar o sistema do Canal de Mariinsky (entre outros objetivos), a um preço total estimado em 65 milhões de rublos. No caso do Canal Volga-Don (sul da Rússia e Ucrânia), o custo seria de 140 milhões de rublos (este deveria incrementar os transportes fluviais e ampliar a produção de grãos a partir de projetos de irrigação). Já a ferrovia Turksib, que ligaria o Cazaquistão, a Ásia Central e a Sibéria Ocidental serviria para promover o plantio de algodão no Turquestão, o que seria importante no fornecimento do produto para a indústria têxtil soviética, diminuindo, assim, a dependência externa. Ao mesmo tempo, a estrada de ferro levaria mais rapidamente, a custos reduzidos, todo tipo de grãos, madeira e cabeças de gado para uma extensa área da nação. É verdade que algumas partes da ferrovia já haviam sido construídas antes da guerra, durante o regime czarista, mas ainda restavam 1.500 quilômetros de trilhos, que foram colocados pelo governo bolchevique a um custo geral estimado de 120 milhões de rublos.

Na prática, os órgãos de planejamento, em meados da década de 1920, traçavam o esboço do plano com antecedência em conjunto com os grupos industriais, na busca de maximizar a eficiência econômica global, a partir de tabelas clássicas de *input-output*, enquanto tentavam, ao mesmo tempo, desenvolver outras que refletissem as relações inter-ramos no meio industrial entre os anos de 1926 e 1928, o que pode ter servido como uma experiência preparatória para os subsequentes planos quinquenais, implementados pouco tempo depois. No caso da indústria, o plano discutia oito ramos distintos e para cada um deles, indicava as tarefas que deveriam ser cumpridas em relação à quantidade de trabalhadores, à potência e ao volume da produção, que seria subdividida em desenvolvimento dos “meios de produção” e elaboração de “artigos de consumo”. A mineração, metalurgia, extração de petróleo e as indústrias têxtil, alimentícia,

química (refinação e coqueificação), de materiais de construção e de papel recebiam especial atenção. Cálculos de abastecimento de calçado foram realizados, num projeto mais amplo para traçar os caminhos para a substituição de importação de artigos de couro por produtos nacionais.

No setor agrícola, mesmo sem dispor de índices dos volumes de produção, determinou-se o incremento da produção de máquinas para uso no campo, a utilização de adubos minerais, a ampliação das áreas de sementeira e a abertura de novas áreas para a lavoura. Não se discutiu qualquer papel da coletivização no meio rural naquele momento.

Um aspecto que não pode ser deixado de lado foi o processo de transição do contingenciamento para o imposto em gêneros, que iria estipular tanto os aspectos de responsabilidade pessoal de cada trabalhador rural como o seu direito de dispor dos excedentes de produção agrícola e de decidir quais os caminhos para administrar seu pedaço de terra. Este aspecto garantiria relativa autonomia ao camponês (construindo ao mesmo tempo um vínculo jurídico deste com o Estado), assim como maior estabilidade para uma posterior planificação da produção agrícola. O decreto de 21 de março de 1921 estabeleceu os princípios gerais para a aplicação de impostos ao campesinato. O governo forneceria aos rurícolas uma tabela para o cálculo do montante da taxa a partir do valor estipulado de acordo com o volume da colheita em relação à superfície do terreno agrícola, tamanho da família, quantidade de cabeças de gado e fatores análogos. Uma “Comissão Permanente para o Estudo do Trabalho no Agro”, ligada ao Comitê Central do PC(b)R, dirigida por Valerian Vladimirovich Kuybyshev, seria constituída, com o objetivo de fazer pesquisas e elaborar critérios “científicos” para avaliar o andamento da situação no campo. As resoluções do XII Congresso do Partido Comunista (b) da Rússia estipulariam formas de se incrementar o papel da cooperação de consumo, redução de despesas acessórias, estruturação das atividades do cooperativismo com o aparato de Estado. Os programas de produção industrial deveriam consolidar seus vínculos com as exigências do mercado. Para completar, o ritmo de desenvolvimento industrial, segundo as autoridades econômicas naquele momento, deveria estar em concordância com a capacidade solvente do mercado. O objetivo mais amplo do governo soviético seria aumentar a produtividade laboral, diminuir despesas acessórias do setor industrial, baixar o custo da produção e incrementar a capacidade competitiva tanto das cooperativas como do aparelho estatal a partir da emulação com as empresas de capital privado.

O crédito agrícola (estatal e cooperativo) ganharia maior destaque na época. Além disso, a reforma monetária ocorrida entre 1922 e 1924, com o fortalecimento do rublo, permitiu um relativo ordenamento financeiro e a própria regulação do comércio do país. De outubro de 1923 ao final do ano seguinte, foram reduzidos 23,3% dos preços de venda da produção industrial do Estado. Já os das máquinas agrícolas chegariam aos níveis de antes da Primeira Guerra Mundial. Isso atacava, de alguma forma, o problema da “tesoura dos preços” (a disparidade entre o valor de venda dos itens industriais e os agrícolas, que teria levado à constituição de estoques significativos de produtos sem saída no mercado e malogros nos empreendimentos cooperativos e órgãos estatais; em outras palavras, artigos industriais com preços em constante elevação e gêneros agrícolas com valor demasiadamente baixo, seguido de crescimento de produção), tentando aproximar os preços industriais e agrícolas. Em fevereiro de 1924, seria organizado o Banco Agrário Central, que iria unir tanto os estabelecimentos de crédito locais como os bancos rurais, com o objetivo de facilitar a concessão de crédito a juros baixos para as camadas inferiores ou médias do campesinato e o auxílio de produção para as associações cooperativistas no campo.

A questão dos impostos foi igualmente emblemática. Uma revisão do sistema tributário ocorreria com o decreto de 17 de março de 1922, que estabelecia o “imposto único” de gêneros para produtos agrícolas (o qual determinou quanto se deveria pagar em relação à superfície do terreno agricultável e dos pastos *per capita* nas herdades). O camponês podia fazer o pagamento com seis diferentes produtos, dos quais o centeio seria a referência para calcular o volume do restante (naquele ano e no seguinte, o setor agrícola representou um quarto das receitas do Estado, dos quais, 17% de impostos diretos; entre 1925 e 1926, por sua vez, 23,3% das propriedades rurais foram isentadas de pagar taxas). O aperfeiçoamento da política estatal de preços, impostos e créditos continuaria a ser uma variável importante depois de 1924. A maior parte dos impostos, vale dizer, vinha especialmente do setor nacionalizado. Entre 1924 e 1925, a fatia dos tributos destinada ao financiamento da economia alcançava 8,7% do total, mas em 1926, este valor se elevou para 24%, um acréscimo significativo num curto espaço de tempo.

As cooperativas de consumo ganham terreno, sendo agrupadas posteriormente numa direção central. Além disso, em 1925 o CC do PC(b)R faria emendas à política econômica vigente, reiterando que sua principal tarefa seria a de colaborar para o desenvolvimento dos kolkhozes e sovkhozes, e apontando para a necessidade de aprimorar a política comercial,

ordenar o sistema tributário para os camponeses, proteger as camadas inferiores do campo em relação aos kulaks, intensificar a luta contra a redistribuição de terra, aumentar a possibilidade de arrendamento e do emprego de mão de obra nas propriedades rurais. Em 1926, as superfícies de sementeiras já haviam ultrapassado aquelas de antes da guerra. Foi nesse interregno que os orçamentos (mensais, trimestrais e anuais) começaram a apresentar superávits constantes.

O período, ainda que mostrasse instabilidade em algumas variáveis econômicas, dava sinais de melhora. Fatores como restrição de crédito a empresas que acumularam estoques excessivos de mercadorias, a regularização do pagamento de salários nas fábricas, a diminuição dos preços de produtos industriais e o saneamento da moeda contribuíram para mitigar os efeitos da crise. Não custa recordar que a grande depreciação do rublo (pela exagerada política de emissão desde 1917), levou as autoridades a lançarem o sovznak e o tchervonetz (garantida pelas reservas de ouro, títulos e divisas estrangeiras estáveis), que conviveriam por algum tempo, simultaneamente, com o rublo (que teria sua circulação suspensa em fevereiro de 1924; ocorreria, na mesma época, a destruição do estoque de notas em posse do governo). O próximo passo seria sua substituição por dinheiro divisionário em bronze, cobre e prata. E, logo em seguida, seria iniciada a emissão do “rublo novo” (ou “*gold ruble*”) em notas do Tesouro. As bases principais da economia soviética, portanto, haviam em grande medida se reconstituído naquele período.

Tudo isso se configurava como parte de um debate mais amplo entre economistas liberais e socialistas, assim como por técnicos e responsáveis pela planificação. Desde 1917 até o final da década de 1920, personalidades como Lev Nikolaevich Litoshenko, Nikolai Dimitrievich Kondratiev, Leonid Naumovich Yurovich, Nikolai Petrovich Oganovsky e Boris Davidovich Brutzkus (entre outros), a partir de diferentes origens intelectuais e perspectivas (algumas das quais, críticas, particularmente as opiniões emitidas em jornais de Petrogrado, como o *Ekonomist* e o *Ekonomicheskoye Vozrozhdeniye*, nestes casos, por especialistas ligados, em grande medida, aos cadetes), discutiram aspectos da planificação, do mercado e da economia russa de forma geral.

Vladimir Alexandrovich Bazarov, um teórico associado a Bogdanov e um dos editores da versão russa de *O capital* (publicada entre 1907 e 1909), colocaria questões interessantes sobre o tema em seu artigo “Sobre a metodologia de construção de planos prospectivos”, de 1926, no

qual argumentava que estes deveriam unir métodos de planejamento “genéticos” (tendências do momento) com os “teleológicos” (objetivos futuros), enfatizando que o setor agrícola necessitava prioritariamente dos primeiros, enquanto a área estatal, de um enfoque baseado numa abordagem teleológica. Um plano “ótimo”, segundo Bazarov, precisava conter três elementos: um caráter suave e ininterrupto desde seu início até sua consecução final (o que exigiria a existência de suficientes reservas financeiras); a ideia de que a economia deveria ser vista como uma totalidade harmônica e orgânica (um sistema estável, equilibrado e proporcional); e que o ponto de largada e de chegada deveria ser o mais curto possível (ainda assim, ele sabia que as três variáveis poderiam se contradizer, acreditando que, neste caso, alguns elementos teriam, inevitavelmente, de se sobrepor a outros). No mesmo ano, também publicaria “A ‘curva do desenvolvimento’ da economia capitalista e soviética”, onde analisava os ciclos industriais nas condições capitalistas e socialistas, usando uma lógica análoga àquelas das ciências naturais, interpretando o sistema de equilíbrio econômico a partir da “energia” social e desenvolvendo sua conhecida teoria da “lei da saturação do mercado”.

Strumilin, por sua vez, trabalharia na Gosplan, tendo sido indicado pessoalmente por Lênin para ocupar um cargo de relevo na comissão. Se a partir de 1926 se destacaria como um dos elaboradores da planificação soviética, teria papel ainda mais proeminente nos dois esboços originais do primeiro plano quinquenal. Para ele, o método básico para verificar todos os planos a partir das necessidades de um equilíbrio de mercado era a construção de um balanço provisório de oferta e demanda, até então uma tarefa complexa e pouco desenvolvida em termos teóricos (diferentes departamentos utilizariam métodos distintos, o que resultaria em conclusões díspares, com projeções que apresentavam variações entre si). Defenderia a democratização e discussão aberta entre as instituições e com maior envolvimento da população, já que, muitas vezes, os debates e consultas sobre o tema ficavam restritos a especialistas do governo. Para Strumilin, o próprio mercado seria um mecanismo para revelar a demanda do consumidor.⁹ Nesse sentido, a planificação serviria como um substituto deste tipo de mecanismo, ao apresentar e depois equilibrar, estabilizar e ajustar as exigências do público, através do próprio plano.¹⁰

⁹ Para mais informações sobre as ideias de Strumilin em relação à planificação econômica, ver S. Strumilin. *Ensayos sobre la economía socialista*. Havana: Publicaciones Económicas, 1966.

¹⁰ Para mais informações sobre os projetos de planificação da economia soviética, ver Alexander Bayakov. *The Development of the Soviet Economic System*. Londres: Cambridge University Press Library Edition, 1946; Lev Iakovlevich Berri. *Planning a Socialist Economy, Volume I*. Moscou: Progress Publishers, 1977; E. H. Carr e R. W.

Os debates sobre os caminhos da economia soviética certamente mudariam e se tornariam mais calcificados e menos democráticos a partir do autoritarismo stalinista, que cada vez mais dificultou e até mesmo impediu uma verdadeira e ampla discussão de ideias, principalmente a partir de 1928. Ainda assim, é possível dizer que na década de 1920, houve claramente um grande esforço teórico e empenho institucional para encontrar as vias de desenvolvimento daquele país.

RECEBIDO EM 10-10-2016

APROVADO EM 31-03-2017